

REPORTAGEM ESPECIAL

Escola com capacidade para 200 indígenas funcionará em **Caieiras Velha** a partir de 2015

NAS ALDEIAS A LUTA PELA EDUCAÇÃO

/// PATRIK CAMPOREZ
pmacao@redgazeta.com.br

O dia amanhece na aldeia de Caieiras Velha, em Aracruz, e dezenas de estudantes indígenas se preparam para embarcar no ônibus da prefeitura e chegar à escola de ensino médio, que funciona fora da aldeia. Em sala de aula, os tupiniquins estudam disciplinas como História do Brasil, Inglês e Espanhol, mas não aprendem a fundo sua própria língua nem a história do seu povo.

O mesmo drama é vivido por estudantes tupiniquins e guaranis de outras oito aldeias de Aracruz. Eles se queixam que, por causa de um currículo que não passa do básico exigido pelo Ministério da Educação (MEC), acabam tendo ignorados boa parte dos seus hábitos e costumes.

Para minimizar os efeitos da aculturação sofrida pelos indígenas nas escolas urbanas, desde 2011 a Secretaria de Estado da Educação (Sedu) e a Secretaria Municipal de Educação vêm discutindo com as aldeias a criação de escolas de ensino médio específicas para os índios. E os primeiros passos estão sendo dados. Uma escola com capacidade para atender 200 alunos tupiniquins e guaranis deve começar a funcionar, já em 2015, na aldeia de Caieiras Velha.

A unidade de ensino médio foi oficialmente criada em 30 de setembro de 2014, por meio da Portaria 155-R, e vai atender turmas de 1º, 2º e 3º série do ensino médio nos turnos matutino e vespertino.

A aldeia foi escolhida



Eliton luta pelas escolas nas aldeias: "Identidade é o que a gente tem por dentro"

devido à sua centralidade em relação às outras aldeias, e por apresentar maior demanda populacional, segundo a Sedu. Apesar de estar localizada em aldeia tupiniquim, ficou acordado que a escola atenderá também a etnia Guarani, explica o coordenador de educação indígena Edno Correia Pajehú.

O cacique da aldeia, Manoel dos Santos, de 50 anos, reforça que essa luta não é de agora. "Os povos indígenas de Aracruz lutam há mais de 15 anos por um ensino médio que atenda suas crenças, rituais, tradições e costumes", pondera o líder de mais de 1,5 mil índios.

AVANÇOS

Os caciques e professores admitem que nos últimos anos houve avanços no que tange à implementação do ensino indígena. Escolas de ensino fundamental com 100% dos

professores índios foram criadas nas aldeias.

No entanto, há anos as comunidades têm lutado para que todo o ciclo de ensino seja dado dentro das aldeias. "O modelo de escola é colocado de cima para baixo e os alunos têm que engolir. Ainda há muita discriminação, e a expectativa do aluno acaba sendo violada. Queremos um ensino médio desenhado de acordo com a comunidade", adverte o diretor de escola indígena Jocelino da Silveira.

O professor Eliton Itarã é outro que luta pelas escolas nas aldeias. "Queremos um ensino nosso, pois o povo só é povo se tiver cultura. Identidade é o que a gente tem por dentro, o que a gente diz que a gente é, e não a roupa que a gente veste," argumenta.

gazetaonline.com.br

Confira os depoimentos dos índios sobre os desafios da educação nas aldeias

COSTUMES



"Temos muitas dificuldades para se adequar à escola normal, pois nossos costumes são diferentes. Já temos uma Constituição que garante uma escola bilingue"

SANDRA BENITEZ
GUARANI DE ARACRUZ
Estuda licenciatura intercultural na UFSC



Ufes vai formar 70 professores índios

/// A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) vai abrir, até julho de 2015, processo seletivo com 70 vagas para o recém-criado curso de Licenciatura Intercultural Indígena. O objetivo é qualificar professores de ensino médio e fundamental para atuarem nas aldeias de Aracruz.

As aulas serão ministradas na Base Oceanográfica, no campus de Aracruz e no Campus de Goiabeiras. "Há alguns anos, a equipe da universidade, junto as comunidades indígenas, vem elaborando este projeto político-pedagógico. Espero que possamos oferecer essa chance de educação nas comunidades indígenas, para que elas sejam merecedoras

de seus direitos de cidadania e que possa ser respeitada a diversidade cultural do país", destacou, no site da Ufes, o reitor Reinaldo Centoducatte.

Professor de Linguística e Língua Portuguesa na Ufes, Santinho Ferreira de Souza faz parte do grupo de trabalho que redigiu o projeto político-pedagógico. "No fundo no fundo, nós estamos atrasados. Já existem universidades que têm esse curso regular. O pensamento do indígena é diferente do pensamento do branco, e precisamos de muitas discussões e trabalho para fazer uma proposta a ser implementada", completou Santinho. Professores que já atuam em aldeias indígenas terão prioridades nas vagas. O curso vai durar 5 anos.

FOTOS: EDSON CHAGAS



Queixa de preconceito é frequente

▄ Caciques e educadores alegam que o preconceito sofrido pelos indígenas nas escolas fora da aldeia acaba desestimulando-os a frequentar as aulas. “A discriminação começa no momento em que temos que aprender um idioma que não é o nosso. Vítimas de discriminação, muitos alunos desistem de estudar”, aponta cacique Manoel.

“O preconceito é algo que nossos filhos se queixam muito. Por isso é importante que eles estudem aqui perto, aprendendo nossa cultura e costumes”, completa a indígena Lucile Oliveira, de 34 anos.

Para o educador guarani Karai Arã, apesar de ainda estar presente nas escolas da cidade, a discriminação contra o índio vem sendo superada. “Antes, o preconceito era ainda maior, pois viam o índio como bicho do mato que queria roubar o espaço do branco. Eu mesmo sofri muito de boche e rejeição, quando terminei o 5º ano e fui estudar na cidade”, desabafo. O tupiniquim Mateus Cezinan, 16, também diz ter sofrido ofensas: “Falavam que eu era sujo e não tomava banho porque eu sou índio. Depois pediram desculpas”.

Mantendo a cultura

Ao lado do neto de 4 anos, cacique Manoel pede uma escola voltada para a cultura das aldeias



Da aula ao forno

A tupiniquim Maria José, 27, largou os estudos para trabalhar em fornos de carvão dentro da aldeia. “No fim das contas não sobra nada, e o carvão maltrata um pouco a pessoa”.



“Me criticavam”

Fernando Ramos da Silva chegou a iniciar o ensino médio, mas, com 21 anos, também trocou a escola pelo trabalho. “Diziam que índio vivia às custas do governo”, justifica ele.



Sobra esperança

“O ensino na aldeia é uma forma de não deixar a tradição indígena morrer. Criei 10 filhos plantando milho e feijão, agora eles têm outras oportunidades”, diz Vanilda Benedito, 55.

Trabalho pesado afasta indígenas da escola

▄ O trabalho pesado nas plantações e em carvoarias tem tirado a esperança de jovens indígenas que pretendiam concluir os estudos. Durante o tempo em que A GAZETA permaneceu nas

aldeias, registrou várias histórias de jovens que precisaram trocar os estudos pelo trabalho. Eles alegam que faltam oportunidades para os índios de todas as idades, e os mais jovens acabam bus-

cando no trabalho precoce uma forma de ajudar a família a pagar às contas.

A tupiniquim Maria José dos Santos é uma que largou a sala de aula para cuidar de dois fornos de carvão. Sem

direito nem ao menos básico, como carteira assinada e equipamentos de proteção individual—como botas e luvas—, a índia de 27 anos trabalha pesado e o dinheiro não dá nem para pagar as

contas. “Falo sempre para meus filhos não pararem de estudar. O carvão maltrata um pouco a pessoa”, lamenta. Outro que iniciou o ensino médio, e também trocou a escola pelo trabalho, foi o índio Fernando Ramos da Silva, 23 anos. “Eu volto a estudar quando a escola es-

tiver aqui na aldeia”.

Em seu site, a Fundação Nacional do Índio (Funai) reconhece que propostas pedagógicas “inadequadas” afastam os índios das escolas urbanas e que a evasão escolar indígena é um problema nacional, devido à dificuldade de adaptação.